

Perfil dos padres novos no Brasil. Interpelações dos resultados de uma pesquisa-de-campo

*Profile of New Priests in Brazil
Questioning the Results of a Field Research*

AGENOR BRIGHENTI

Pontifícia Universidade Católica em Curitiba (Brasil)
ORCID: 0000-0002-9399-2621 | agenor.brighenti@gmail.com

Fecha de recepción: 2/3/2022
Fecha de aceptación: 27/4/2022
<https://doi.org/10.52039/seminarios.v67i230.1045>

RESUMO: O texto repercute alguns resultados de uma pesquisa-de-campo em busca do perfil dos «padres novos» no Brasil, levada a cabo nas cinco regiões do país, em três dioceses de cada uma delas, tendo como amostras presbíteros, leigos/as, jovens, seminaristas e religiosas. Os dados revelam a configuração de duas perspectivas sociopastorais no seio do catolicismo brasileiro – a perspectiva «evangelização/libertação», alinhada à renovação do Vaticano II e da tradição eclesial libertadora da Igreja na América Latina, e – a perspectiva «institucional/carismática» que toma distância delas, reflexo do gradativo processo de involução eclesial, que se instaurou na Igreja nas três décadas que precederam o atual pontificado.

PALAVRAS-CHAVE: Catolicismo. Presbíteros. Igreja. Mundo. Vaticano II.

ABSTRACT: The text reflects some results of a field research in search of the profile of the «new priests» in Brazil, carried out in the five regions of the country, in three dioceses of each one of them, having as samples priests, laymen/women, young people, seminarians and religious women. The data reveal the configuration of two socio-pastoral perspectives at the heart of Brazilian Catholicism - the «evangelization/liberation» perspective, in line with the renewal of Vatican II and with the liberating ecclesial tradition of the Church in Latin America, and - the «institutional/charismatic» perspective which takes distance from them, reflecting the gradual process of ecclesial involution which has taken place in the Church in the three decades preceding the current pontificate.

KEYWORDS: Catholicism. Priests. Church. World. Vatican II.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, tem irrompido no seio do catolicismo brasileiro um novo perfil de presbíteros, comumente denominados «padres novos»¹, que por suas práticas pastorais e comportamentos pessoais, tem promovido na esfera da experiência religiosa, o deslocamento do profético para o terapêutico e do ético para o estético. Isso tem provocado tensões e entraves nos processos pastorais em curso, tanto entre os presbíteros nas Igrejas locais, como em relação às religiosas e aos leigos e leigas nas paróquias onde atuam.

Entretanto, o novo perfil de presbíteros no catolicismo brasileiro, presente também em outros países, sobretudo no Ocidente, não é um fenômeno a ser desqualificado ou desprezado. Ao contrário, ainda que em muito se vincule a posturas pré-conciliares e da denominada «pós-modernidade líquida», seu modo de ser e de agir questiona práticas eclesiais vigentes, põe em xeque comportamentos costumeiros, desafiando um estudo para além de leituras ligeiras ou pragmáticas do fenômeno.

1. TEOR E CARACTERÍSTICAS DE UMA PESQUISA-DE-CAMPO

Em vista disso, como professor de teologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, levei a cabo uma pesquisa-de-campo em todo o território nacional, em busca do «perfil dos padres novos no Brasil». Foi aplicado um questionário em três dioceses de cada uma das cinco regiões do país (regiões Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Nordeste e Norte), tomando-se como critério de representatividade em cada região, uma diocese urbana, outra com realidades urbanas e semi-urbanas e uma terceira com maior extensão na área rural.

A Parte I do questionário aplicado buscou caracterizar o perfil dos «padres novos» com relação à sua visão sobre o mundo de hoje. As questões versavam sobre o que está piorando ou melhorando no mundo de hoje, quais os maiores problemas e desafios a enfrentar, os principais valores e antivalores reinantes, quais as novas realidades positivas e negativas emergentes hoje, enfim, qual deve ser a posição da Igreja frente ao mundo de hoje e como a Igreja é vista pela sociedade.

1. A categoria aparecerá sempre entre aspas, pois «padres novos», embora preponderante, não se restringe ao fator cronológico, mas sobretudo a uma perspectiva sócio-pastoral, que toma distância da renovação do Vaticano II e de sua «recepção criativa» na América Latina, em torno às Conferências de Medellín e Puebla e, atualmente, de Aparecida e o magistério do Papa Francisco.

A Parte II do questionário aplicado buscou caracterizar o perfil dos «padres novos» com relação à visão de Igreja e sua missão hoje. Para isso, perguntou-se se a renovação do Vaticano II e a tradição libertadora estão avançando, estancadas ou retrocedendo; como avalia a teologia da libertação; que ações do modelo de pastoral alinhado à renovação do Vaticano II continuam válidas ou já não respondem às necessidades de hoje; quais as maiores lacunas da ação pastoral na atualidade e em que ações da Igreja têm contribuído para uma sociedade mais justa e fraterna.

A Parte III do questionário aplicado buscou caracterizar o perfil dos «padres novos» com relação ao exercício do ministério presbiteral na Igreja e no mundo de hoje. As perguntas desta parte versavam sobre o que está superado ou continua válido no modelo de ministério dos presbíteros das décadas de 1970/80; quais as principais novidades que os «padres novos» trazem e o que não tem futuro no modo como eles exercem o ministério; como está o processo de formação dos futuros presbíteros e o que motiva ou desmotiva um jovem a ser padre hoje; como estão as relações entre os presbíteros na diocese e destes com o bispo; enfim, como veem os presbíteros em geral e qual o modo mais adequado de um padre se vestir no desempenho de sua missão.

Em cada diocese, a amostra da coleta de dados esteve composta por sete categorias de agentes eclesiais - presbíteros, leigos, leigas, jovens-homens, jovens-mulheres, seminaristas e religiosas, todas pessoas engajadas nas paróquias ou comunidades eclesiais, exercendo liderança ou integrando serviços ou organismos de pastoral. Findado o levantamento pela consulta, os dados foram devidamente processados e começaram a serem lidos por um grupo de analistas das melhores universidades do país, composto por cientistas sociais, teólogos, pastoralistas e da área das ciências da religião. Um primeiro livro analisando parte dos dados já foi publicado, com quatro edições em dois meses, atestando a relevância da questão em pauta² e, um segundo, abordando outra parte das informações coletadas, está no prelo³.

2. A. Brighenti et al. *O novo rosto do clero. Perfil dos padres novos no Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.

3. A. Brighenti et al. *Novo rosto do catolicismo brasileiro? Perfil dos padres novos no Brasil (II)*. Petrópolis: Editora Vozes, 2022.

2. DUAS PERSPECTIVAS SOCIOPASTORAIS NO CATOLICISMO BRASILEIRO

Os dados levantados pela pesquisa confirmam que a crise e as transformações no seio da sociedade atual, têm repercussões profundas sobre a Igreja e contribuem para a configuração de duas perspectivas sócio-pastorais no seio do catolicismo brasileiro.

Uma delas tem subjacente duas matrizes básicas: a) um catolicismo «institucional», tributário do modelo de Igreja da cristandade, vigente durante todo o segundo milênio e que se prolongou até o Vaticano II; e uma Igreja «carismática», ligada à crise da modernidade ou à «pós-modernidade», que toma distância da Igreja como instituição e da fé como compromisso social, valorizando mais o emocional, a subjetividade e uma espiritualidade de corte pentecostal. A outra perspectiva sociopastoral tem também duas matrizes: uma «Igreja evangelizadora», o modelo oriundo da renovação conciliar, voltado para uma evangelização inserida em um mundo pluralista, centrado na força da Palavra e do compromisso cristão na concretude da história; e uma «Igreja libertadora», o modelo da Igreja na América Latina, tecido em torno à recepção criativa do Concílio em Medellín-Puebla e que tem na opção pelos pobres e numa ação libertadora, a sua característica principal.

Por seus comportamentos e práticas, tal como comprovam os dados levantados por esta pesquisa, os presbíteros das últimas décadas, comumente denominados «padres novos», em sua grande maioria se alinham à primeira perspectiva sociopastoral, que intitulamos «*institucional/carismática*»; já os presbíteros das décadas anteriores, denominados «padres das décadas de 1970/80», preponderantemente se alinham à perspectiva intitulada «*evangelização/libertação*».

a) *Os modelos de pastoral da perspectiva «institucional/carismática»*

Os dados levantados pela pesquisa atestam que as práticas da perspectiva «institucional/carismática», à qual se alinham os «padres novos», estão atreladas a três modelos de pastoral conhecidos. Os dois primeiros vêm do período pré-conciliar e o terceiro configurou-se mais recentemente, no contexto da crise da modernidade. O refluxo dos dois modelos pré-conciliares é fruto da «involução eclesial» em relação à renovação do Vaticano II, vigente nas décadas que precederam o atual pontificado. O primeiro deles é a «pastoral de conservação», assim denominada por *Medellín (Med 6,1)* e referida também por *Aparecida (DAp 370)*, o modelo de pastoral do regime de cristandade. Apesar de haver sido superado pelo Concílio Vaticano II há mais de

meio século ele nunca desapareceu, mas agora voltou com força na atuação dos «padres novos». Os dados da pesquisa mostram que funciona centralizado no presbítero e na paróquia, daí a volta do clericalismo, denunciado por Aparecida (*DAp* 100). Na pastoral de conservação, em sua configuração pré-tridentina, a prática da fé é de cunho devocional, centrada no culto aos santos e composta de procissões, romarias, milagres e promessas, práticas típicas do catolicismo popular medieval. Já em sua configuração tridentina, a vivência cristã gira em torno do presbítero, baseada na recepção dos sacramentos e na observância dos mandamentos da Igreja. Neste modelo, o administrativo predomina sobre o pastoral, a sacramentalização sobre a evangelização, o padre sobre o leigo, o estilo rural sobre o urbano, o pré-moderno sobre o moderno, a massa sobre a comunidade.

Um segundo modelo de pastoral que configura a perspectiva «institucional/carismática» é a «pastoral coletiva», o modelo de pastoral do regime de neocristandade, que teve seu auge no século XIX, quando a Igreja pré-moderna jogou suas últimas cartas no confronto com a modernidade. Pouco tempo depois, o modelo seria desautorizado em seus pressupostos pelo Concílio Vaticano II, que insere a Igreja em atitude de «diálogo e serviço» ao mundo. Nos dias atuais, com a crise da modernidade e a falta de referenciais seguros, a «pastoral coletiva», centrada nos movimentos e grupos institucionalizantes e tradicionalistas, volta com ares de «revanche de Deus», com muito dinheiro e poder, visibilidade, guardião da ortodoxia, da tradição, da «família tradicional». Grande parte das práticas e atitudes dos «padres novos» está atrelada a este modelo. Ao desconstrucionismo dos metarrelatos e do relativismo reinante, que geram vazio, incertezas e medo, contrapõe-se o «porto seguro de certezas» da tradição religiosa e um elenco de verdades apoiadas numa racionalidade metafísica. Se a «pastoral de conservação» é pré-moderna, a «pastoral coletiva» é anti-moderna. Apoiar-se numa «missão centrípeta», que consiste, em uma atitude apologética e proselitista, sair para fora da Igreja para trazer de volta as «ovelhas desgarradas» para dentro dela. Numa atitude hostil frente ao mundo, cria seu próprio mundo, uma espécie de «sub-cultura eclesial», em típica mentalidade de seita ou gueto. A redogmatização da religião e o entrincheiramento identitário acabam sendo sua marca. A missa tridentina alimenta o imaginário de novos cruzados, no resgate da pré-modernidade perdida.

Um terceiro modelo de pastoral atrelado à perspectiva «institucional/carismática» é o que se poderia chamar «pastoral secularista», restrita ao presente, ao aqui e agora. Aqui se encontra também a maioria dos «padres novos», que compaginam os três modelos aqui apresentados. Nela há o en-

colhimento da utopia no cotidiano, uma espécie de «religião do corpo», no seio da qual salvação é sinônimo de prosperidade material, saúde física e realização afetiva. Na «pastoral secularista», a religião passa a ser consumista, centrada no indivíduo e na degustação do sagrado, entre a magia e o esoterismo. Propõe-se responder às necessidades imediatas de pessoas, em sua grande maioria, órfãs de sociedade e de Igreja, pessoas machucadas, desaperaçadas, em busca de autoajuda e habitadas por um sentimento de impotência diante dos inúmeros obstáculos a vencer, tanto no campo material como no plano físico e afetivo. São pessoas que querem ser felizes hoje, buscando solução a seus problemas concretos e apostando em saídas providencialistas e imediatas. Nestes meios, há um encolhimento da utopia no momentâneo. É a religião a *la carte*: Deus como objeto de desejos pessoais, solo fértil para os mercadores da boa-fé, no seio do atual próspero e rentável mercado do religioso.

b) *Os modelos de pastoral da perspectiva «evangelização/libertação»*

Os modelos de pastoral que configuram a perspectiva «evangelização/libertação» foram tecidos em torno à renovação do Vaticano II e da tradição eclesial libertadora da Igreja na América Latina. O primeiro se poderia denominar «pastoral orgânica e de conjunto» e, o segundo, «pastoral de comunhão e participação». Os «padres das décadas de 1970/80», preponderantemente estão alinhados a esta perspectiva, que já foi preponderante no imediato pós-concílio, mas que nas três décadas de «involução eclesial» que precederam o atual pontificado, não só encolheram muito, como em muitos lugares persistem como «brasas sob cinzas».

O Concílio Vaticano II, assumindo a perspectiva apontada pelos movimentos de renovação que o precederam, colocou as bases de outro modelo de Igreja – a «pastoral orgânica e de conjunto». Apoia-se sobre um novo modelo eclesiológico – a Igreja como Povo de Deus - fruto do resgate da «Igreja local» como espaço onde se faz presente «a Igreja toda, ainda que não se constitua em toda a Igreja», dado que a Igreja é «Igreja de Igrejas». Com isso, se supera, por um lado o paroquialismo da «pastoral de conservação» e, por outro, o universalismo de movimentos eclesiais sem compromisso com a Igreja local, na «pastoral coletiva». Por sua vez, autoconsciência da Igreja como Povo de Deus faz a passagem do binômio clero-leigos para o binômio comunidade-ministérios, fazendo da comunidade eclesial como um todo, o sujeito da pastoral. Em consequência, nascem as assembleias de pastoral como organismos de planejamento e tomada de decisão e os conselhos e

equipes de coordenação, como mecanismos de gestão da vida eclesial, na corresponsabilidade de todos os batizados. No terreno das práticas propriamente ditas, há a passagem do administrativo para o pastoral, procurando responder, antes de tudo, às necessidades da comunidade eclesial, inserida no mundo. A ação pastoral é levada a cabo no âmbito interno da Igreja mas, sobretudo, fora dela, pela inserção dos cristãos, no seio da sociedade, em perspectiva de diálogo e serviço. Rompendo-se com todo dualismo, desenvolve-se uma evangelização integral, que abarca todas as dimensões da pessoa e toda a humanidade.

Nesta mesma perspectiva, no imediato pós-concílio, a Igreja na América Latina, ao fazer uma «recepção criativa» do Vaticano II, forjou um novo modelo de ação, que poderíamos denominar com Puebla – «pastoral de comunhão e participação» -, apoiada na auto-compreensão da Igreja como «eclesiogênese», aterrissando as intuições e eixos fundamentais do Vaticano II em nosso próprio contexto, periférico e empobrecido. *Medellín* dá à Igreja na América Latina uma palavra própria, uma fisionomia autóctone, deixando de ser «reflexo» de uma suposta «Igreja universal», para constituir-se numa fonte inspiradora e programática para as Igrejas locais. Dada a forte conotação sócio-transformadora e libertadora deste modelo, a ação pastoral é levada a cabo pelo protagonismo dos leigos e dos pobres. Em relação aos leigos, se lhes vê sujeitos com «vez e voz», com ministérios próprios, oportunidade de formação bíblica e teológico-pastoral, um lugar de decisão em conselhos e assembleias, bem como de coordenação à frente dos diferentes serviços pastorais. Quanto aos pobres, muda a ótica: de objetos da caridade alheia, passam a ser tomados como sujeitos de um mundo solidário e fraterno. A Igreja, além de assumir sua causa, assume igualmente seu lugar social, através de comunidades eclesiais inseridas numa perspectiva libertadora. Nasce serviços de pastoral, com espiritualidade e fundamentação própria, em especial voltados para o social. Para isso, a comunidade eclesial é organizada em pequenas comunidades de vida na base, no seio das quais se promove a leitura popular da Bíblia. Desde a fé, procura-se formar igualmente a consciência cidadã, para que os próprios excluídos, organizados como cidadãos, sejam protagonistas no seio da sociedade civil, de um mundo solidário e inclusivo.

3. DADOS SOBRESSALIENTES NOS «PADRES NOVOS»

Tendo situado os «padres novos» no seio do catolicismo brasileiro, particularmente em relação a duas perspectivas sócio-pastorais, vamos agora fazer referência a alguns dados levantados pela pesquisa, relativos a este

contingente do clero. Seguiremos cada um dos três blocos de perguntas do questionário aplicado na pesquisa-de-campo: (1) a visão dos «padres novos» sobre o mundo de hoje, (2) a visão sobre a Igreja (3) e a visão sobre a vida e ministério do presbítero⁴.

a) *A visão de mundo*

Com relação ao *que está piorando no mundo de hoje*, vemos os «padres novos» preocupados com o aumento do individualismo, a crise de sentido, o distanciamento da religião e o crescimento do relativismo, ou seja, com questões mais internas da Igreja. As questões sociais ficam distantes ou ausentes. Chama a atenção que «as condições de vida dos mais pobres, migrantes e favelados», não aparece em primeira opção para nenhuma das categorias de pessoas consultadas das duas perspectivas sócio-pastorais, a não ser para os padres da perspectiva «evangelização/libertação», e ainda em terceira opção.

Com relação aos *maiores problemas de nosso povo hoje*, é notória a perda de sensibilidade social por parte dos católicos no Brasil. Os «padres novos», voltados para as questões mais existenciais e distantes do social, nomeiam como maiores problemas «o isolamento, a solidão, o egoísmo e o individualismo, o consumismo, o materialismo, a perda dos valores familiares e culturais e a desintegração da família, separações, uniões livres». Os «padres das décadas de 1970/80» não estão muito distantes disso, apenas colocando em terceiro lugar «a violência, pobreza, falta de acesso à saúde e educação».

Com relação aos *maiores desafios* que o mundo nos coloca para viver a fé cristã, os «padres novos» se remetem a questões que afetam mais a instituição eclesial – «viver comunitariamente diante o individualismo e egoísmo, conservar a fé e os valores cristãos e a desintegração da família e a educação dos filhos». Os «padres das décadas de 1970/80» só diferem em relação ao terceiro lugar, nomeando «a influência dos meios de comunicação maior do que família e escola».

Com relação a como *a sociedade em geral vê a Igreja*, há uma valoração positiva: os «padres novos» indicam «uma instância ética, defensora da vida e dos direitos humanos»; os «padres das décadas de 1970/80» nomeiam «uma instituição com credibilidade e influência na sociedade». Chama a atenção que os «padres novos» mencionem a visão de «uma Igreja que está se me-

4. Evitaremos indicar os índices de porcentagem das respostas, pois implicaria citar os dados das demais amostras e os limites de espaço deste artigo o impedem.

tendo em questões que não lhe compete – indígenas, questões ecológicas e políticas». Como também chama a atenção que a imagem de uma Igreja manchada pelo escândalo da pedofilia tenha índice tão baixo, ainda que os «padres das décadas de 1970/80» deem uma ênfase maior (quinto lugar; padres novos em último).

b) *A visão de Igreja*

Quando perguntados se a *renovação do Vaticano II está avançando, estancada ou retrocedendo* os dados mostram que está avançando muito mais para a perspectiva «institucional/carismática» do que para a perspectiva «evangelização/libertação», o que confirma o que se averigua na prática. Com relação à tradição libertadora da Igreja na América Latina, os dados levantados confirmam o que se constata no pensamento e nas práticas de uma e outra perspectiva teológico-pastoral: para os «padres novos» e sua perspectiva, a involução eclesial das últimas três décadas é uma perda menor do que para os agentes eclesiais da perspectiva «evangelização/libertação», que se ressentem mais das décadas de «involução eclesial». A *teologia da libertação* tem uma valoração mais positiva por parte da perspectiva «evangelização/libertação» do que pela perspectiva «institucional/carismática». Na perspectiva «evangelização/libertação», apenas os jovens e os leigos/as têm uma valoração negativa. Já na perspectiva «institucional/carismática», fazem uma apreciação negativa os «padres novos», os seminaristas os leigos/as e as religiosas.

Com relação a ações do *modelo de pastoral dos anos 1970-1980 que já não respondem mais na ação da Igreja* hoje, é curioso que nomeiam em primeiro lugar «privilegiar as CEBs⁵ em relação aos movimentos» duas categorias de agentes da perspectiva «institucional/carismática» e três da perspectiva «evangelização/libertação», incluídos os padres das duas perspectivas. Isso revela a dificuldade das CEBs neste momento de fragmentação do tecido social e eclesial, bem como o grau de carismatização da Igreja no Brasil, também pela demanda de uma experiência religiosa de corte terapêutico e estético nos dias atuais.

Com relação a *mudanças mais urgentes na estrutura da Igreja* chama a atenção que somente os leigos/as e unicamente da perspectiva «institucional/carismática», nomeiem em primeira opção «o direito das comunidades

5. Comunidades eclesiais de base são pequenas comunidades que se reúnem em torno à Palavra, à celebração da fé e ao compromisso comunitário na Igreja e na sociedade, a exemplo das *domus ecclesiae* na Igreja nascente, o que o Documento de Medellín denomina «a célula inicial da estruturação eclesial» (Med, 6,1).

terem a celebração da Eucaristia semanalmente». A maior convergência das categorias de agentes das duas perspectivas aponta, em primeira opção, para «a renovação da paróquia, especialmente sua setorização em unidades menores».

c) *A visão sobre a vida e o ministério presbiteral*

Com relação ao que *continua válido do modelo de ministério dos padres das décadas de 1970/80*, os «padres novos» indicam «uma pastoral social consistente» e os «padres das décadas de 1970/80» nomeiam «insistir na dimensão comunitária e social da fé». Chama a atenção o baixo índice da alternativa «priorizar as pequenas comunidades eclesiais em relação aos movimentos», indicada somente pelos padres da perspectiva «evangelização/libertação» em terceiro lugar e pelos leigos/as da perspectiva «institucional/carismática» em quinto lugar. Os movimentos ganharam muita força na Igreja nas últimas décadas em relação às CEBs.

Sobre quais as *principais novidades que os «padres novos» trazem no exercício de seu ministério*, a convergência recai sobre «a valorização do afetivo, da emoção, do sentimento e das relações interpessoais», apontado com maior ênfase pelos «padres das décadas de 1970/80». Os «padres novos» indicam em primeira opção «o uso dos meios de comunicação sociais para seus eventos e atividades». Chama a atenção que enquanto os «padres novos» nomeiam, em segundo lugar, como principal novidade que eles trazem no exercício de seu ministério um «maior cuidado de si, com tempo para a vida pessoal, para o lazer e o convívio», os padres da perspectiva «evangelização/libertação» digam que neles «há mais tradicionalismo e volta ao passado que novidades».

Com respeito ao que *não tem futuro no modo dos «padres novos» exercerem o ministério*, a maior convergência das categorias de agentes das duas perspectivas está em apontar, em primeira opção, «o tradicionalismo, o devoçãoismo e milagrismos». Na sequência, a alternativa com maior convergência apontada é «uma pastoral de eventos e atividades isoladas, sem processo comunitário».

Com relação ao *processo de formação dos futuros presbíteros hoje*, uma valoração positiva vem somente da perspectiva «institucional/carismática» e ainda com exceção das religiosas. O que aparece com maior incidência em segundo lugar é que «o grande desafio consiste na maturidade afetiva, emocional, com sexualidade assumida no celibato». Com relação *ao que parece desmotivar um jovem ser padre hoje*, a maior incidência recai sobre «o celibato e uma possível vida de solidão, carência afetiva, desequilíbrio

emocional». Chama a atenção que os padres da perspectiva «evangelização/libertação» indiquem, em segundo lugar, «uma vida frustrada de alguns padres, amargurados e solitários» e que os «padres novos» indiquem «o trabalho na paróquia, centrado na administração e na liturgia».

Finalmente, perguntou-se às categorias de agentes eclesiais, qual seria *o modo mais adequado para um presbítero se vestir*, hoje, para cumprir sua missão. Fica evidente como o modo de vestir-se expressa também uma visão de Igreja e de mundo. Todas as categorias de agentes eclesiais da perspectiva «evangelização/libertação» indicam em primeira opção como modo mais adequado «com trajes civis, com bom gosto e simplicidade». Já as categorias de agentes da perspectiva «institucional/carismática» indicam: «com veste clerical: clergyman» – padres, jovens e seminaristas; «a batina» – os leigos/as; e que «cada um escolha o que melhor lhe convier» – as religiosas. Chama a atenção que os jovens e seminaristas da perspectiva «institucional/carismática» também indiquem, em segundo lugar, a batina. Na perspectiva «evangelização/libertação», a batina tem índices mínimos, sendo que o mais alto é dos seminaristas, mas ainda em quarto lugar. Também cabe mencionar que os seminaristas de ambas as perspectivas indicam o *clergyman*.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados coletados comprovam que os segmentos alinhados à perspectiva sociopastoral «evangelização/libertação», que no imediato pós-concílio eram maioria, hoje, são minoria. Com o gradativo processo de distanciamento da renovação do Vaticano II e da tradição libertadora da Igreja na América Latina, instaurado nas três décadas que precederam o atual pontificado, esta perspectiva perdeu terreno. Em contrapartida, ganharam visibilidade e espaço os segmentos eclesiais alinhados à perspectiva «institucional/carismática», sobretudo a experiência religiosa de corte neopentecostal, também no seio do catolicismo, tanto que se pode dizer que houve uma certa «carismatização» da Igreja católica no Brasil, ainda que esta tendência, nos últimos anos, dê sinais de cansaço.

Ultimamente, com o resgate da renovação conciliar por *Aparecida* e o Papa Francisco, a chama voltou a arder, mas muito tímida, pois são muitas as adversidades a superar. Por um lado, se tem consciência que as intuições básicas e eixos fundamentais do Vaticano II e da tradição libertadora continuam válidos, mas, por outro, se sabe que o contexto mudou, com a emergência de novos desafios e novos valores. Sente-se que houve uma «primeira

recepção» do Vaticano II no contexto da modernidade, mas que, hoje, apresenta-se o grande desafio de uma «segunda recepção» no novo contexto. Para isso, a maior dificuldade vem do medo de vários segmentos da Igreja em inserir-se no mundo em atitude de diálogo e serviço. Por isso o escapismo do emocionalismo ou a busca de segurança em um passado sem retorno, em fundamentalismos, tradicionalismos e devocionismos, em uma postura apologética frente ao mundo. Isso tem redundado na retração das formas de presença e de atuação da Igreja na sociedade, no encolhimento da pastoral social, assim como no refúgio em uma Igreja autorreferencial, centrada no padre e na paróquia.

O estancamento do processo de involução eclesial, ainda em curso, em grande medida depende do exercício do *sensus fidelium*, de uma Igreja sinodal fundada em «uma cultura eclesial marcadamente laical» (*QAm* 94). É o melhor antídoto ao clericalismo, seja de clérigos, seja de leigos clericalizados, uma marca da perspectiva sociopastoral «instituição/carismática», à qual estão alinhados os «padres novos». Mas, também não se pode descuidar das mudanças necessárias no campo da formação presbiteral, começando pelos critérios de recrutamento dos candidatos, passando pelo perfil dos seminários e o teor dos conteúdos do processo de formação, que carecem de maior proximidade e convergência com a renovação conciliar e o magistério latino-americano e do Papa Francisco.